



**PRISCILIANO**

Ramón Chao debruça-se sobre a figura de Prisciliano, cuja doutrina resulta muito diferente da que preconiza atualmente a Igreja Católica. Considerado o primeiro condenado por heresia na história dessa religião, Chao matiza que esta afirmação não pode ser válida, pois naquela altura “nem existia um cânon cristão e menos ainda católico”.

**CRIAÇÃO**

Brais Zas nasceu na Laracha em 1984. Independentista e libertário, regentou o pub Stereo, e agora trabalha numa gasolinheira. Em 2010 publicou o livro de relatos *Arredor do Paraíso*.

**ARRAIANOS: SEM FRONTEIRAS**

Na sua colaboração deste mês, Xurxo González informa de que o Novo Cinema Galego volta a estar presente nos grandes circuitos de prestígio internacional, desta vez por meio do filme *Arraianos*. Depois da sua estreia em Locarno, o filme de Eloy Enciso prepara-se para uma longa *tournee* por festivais. Desta maneira, incrementa-se o leque de filmes galegos que nos últimos tempos foram selecionados nos encontros cinematográficos mais destacados do mundo. Não obstante, de jeito paradoxal, continua a dar-se mais valor a este tipo de produções fora da Galiza do que no País.

**A GALIZA NATURAL**

**Lontras e visons entre rios e rias**

João Avelado

A lontra-europeia (*Lutra lutra*) é um mamífero carnívoro de hábitos semi-aquáticos pertencente à família dos mustelídeos, da qual também fazem parte doninhas (*Mustela nivalis*), arminhos (*Mustela erminea*) e teixugos (*Meles meles*).

Ainda que passe dois terços do tempo em terra, a lontra possui uma anatomia perfeitamente adaptada à vida na água, onde pode permanecer até oito minutos sem respirar. A pelagem constituída por duas camadas de pelos impermeáveis, e tão eficaz que não existem diferenças de peso apreciáveis entre indivíduos secos e indivíduos molhados. O corpo alongado, fusiforme e altamente flexível, confere-lhe grande hidrodinamismo. Nariz, orelhas e olhos, situados na parte superior da cabeça, mantêm-se fora de água quando nada à superfície. Se o animal mergulha, fossas nasais e ouvidos encerram-se hermeticamente mediante uma membrana especial. A curvatura do cristalino do olho possui a capacidade de ser ajustada, permitindo, desta forma, a

visualização de imagens focadas quer na água, quer em terra. No focinho encontram-se as vibrissas, que são longos pelos sensoriais, que parecem servir para a deteção de presas na água. A cauda forte e achatada horizontalmente funciona como leme. As patas terminam em cinco dedos espalmados. E o ritmo cardíaco vê-se alterado nos mergulhos, aumentando a sua eficácia predatória.

A lontra espalha-se pela maior parte da região paleártica, desde as costas ocidentais atlânticas até ao Extremo Oriente. Na Galiza apresenta uma distribuição generalizada de norte a sul, ocupando todo o tipo de ambientes aquáticos, sempre que bem conservados. Assim, o seu número diminui na bacia do Minho, fortemente alterada devido às barragens, e nas Rias Baixas e Arco Ártabro, áreas muito urbanizadas e desenvolvidas. A importante rede fluvial galega e a baixa industrialização explicam que a espécie atinja no nosso país uma alta densidade populacional, enquanto a nível europeu está em declínio desde a década de 60.

A lontra ocupa na Galiza todo o tipo de ambientes aquáticos: rios, lagoas, pauis, albufeiras, estuários, rias, praias desertas e, até, ilhas como as Sies. Como locais de refúgio, descanso e criação gosta de zonas húmidas que oferecem coberto vegetal abundante e mesmo de falésias.

A sua presença é fácil de detetar pois marcam o território com dejetos de aspecto e odor inconfundíveis, situados sempre em locais proeminentes.

A dieta da lontra é essencialmente piscívora, mas inclui também anfíbios, invertebrados e, em menor escala, pequenos mamíferos, aves aquáticas e répteis.

A poluição, a destruição da vegetação ribeirinha e a transformação dos cursos de água são as principais ameaças que a espécie enfrenta no nosso país. Os caçadores furtivos estão a deixar de ser o inimigo de outros tempos. Um estudo do ano 2006 compilou apenas vinte

A lontra deparou-se ultimamente com uma nova ameaça potencial, um competidor chegado do outro lado do Atlântico e cujos efeitos sobre as suas populações ainda estão por determinar. Trata-se do vison-americano (*Mustela vison*). O vison-americano é um predador oportunista e voraz, que se alimenta principalmente de pequenos mamíferos, peixes, anfíbios e répteis. Trata-se de um animal de costumes semi-aquáticos que concentra a sua atividade ao longo dos cursos de água, podendo concorrer com a lontra pelos mesmos recursos.

Península. Desde essa data estas «granjas» multiplicaram-se por todo o nosso território com as inevitáveis fugas de animais ao meio natural. Mas estudos recentes indicam que a aparição de populações estáveis de visons é um facto relacionado especialmente com libertações massivas de exemplares, como as realizadas pelos autodenominados animalistas.

O vison-americano já se distribui pelas Rias



Baixas e o terço norte da Galiza e supõe um perigo certo para a ameaçada toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus*), a marta (*Martes martes*), o toirão (*Mustela putorius*), as colónias de aves marinhas... e outras muitas espécies autóctones.

De facto, está a levar à extinção em muitos países ao seu parente o vison-europeu (*Mustela lutreola*), que não existe aqui. Ale-gados defensores dos animais a pôr em risco os ecossistemas, eis o paradoxo. Ai! Como diz o povo, o Inferno está cheio de boas intenções.

casos em dez anos.

Foi em Ponte Vedra que se estabeleceu, em 1960, a segunda das quintas de criação destes animais na



EM TEMPOS

# Prisciliano, o primeiro herege?

Ramón Chao

A questom priscilianista levou-me de moço a ler *Los Heterodoxos españoles* de Menéndez Pelayo, quem, apesar do seu catolicismo, nom se atreve a autenticar nada relativo aos restos do Filho do Trovom. Polo seu lado, Miguel de Unamuno mantém umha posiçom radical: “Nom acredito que exista um católico medianamente culto que poda crer que os restos de Santiago se achem em Compostela: som de Prisciliano”. Para dissipar as minhas dúvidas, recorrim às Atas do Concílio de Saragoça, à “Vita Martini” e Diálogos de Suplicio Severo, historiador do século IV.

Segundo estes documentos, Prisciliano nasceu por volta do ano de 320 na província de Palência, daquela galaica. Era alto, galhardo e irrefutável orador. Estudou na universidade de Bordéus com Elpídio o Teólogo, e retórica com o famoso poeta Ausónio. Esta bagagem permitiulhe obter o Bispado com sede vacante de Ávila, pois daquela a hierarquia religiosa emanava do voto dos fiéis e nom dumha decisão arbitraria de Roma. Pouco depois intentou a mesma operaçom em Mérida, sede metropolitana, de onde foi expulso “manu militari” polos partidários do arcebispo Hydacio.

Prisciliano queria voltar à pureza de Jesus: predicava a igualdade entre mulheres e homens (podiam elas casar, confessar, dizer missa e distribuir a eucaristia igual do que eles); todos praticavam a liberdade sexual com tal de nom procriar (a matéria é impura), e rendiam culto à natureza, sem dúvida herança dos druidas.

É por isso que me oponho até ao mesmíssimo Castelaio quando lhe chama heresiarca. Segundo o dicionário de Julio Casares, here-

**Prisciliano queria voltar à pureza de Jesus: predicava a igualdade entre mulheres e homens (podiam elas casar, confessar, dizer missa e distribuir a eucaristia igual do que eles); todos praticavam a liberdade sexual com tal de nom procriar**



A legenda «Sepulcrum Sancti Iacobi Gloriosum» na entrada ao sepulcro de ‘Santiago’, na catedral compostelana



Simbologia priscilianista



Fotograma de *La Voie Lactée* (Luis Buñuel, 1969)

siarca é “o autor dumha heresia”, e heresia: “erro em matéria de fé, sustentado com pertinácia”. Prisciliano nom puido ser herege nem heresiarca pola simples razom de que no século IV, quando o perseguírom e degolarom nom existia um cânon cristao e menos ainda católico: Roma ainda nom se erigira no centro de nenhuma seita.

As doutrinas do nosso predicador espargírom-se pola Península Ibérica, Aquitânia e Europa Central. Tachado de herege e como tal denunciado polo bispo Ambrósio de Roma aos tribunais civis, foi defendido em Tréveris Sam Martinho de Tours e outros pais da Igreja. O mesmo

Prisciliano acudiu ante o tribunal:  
- És tu Prisciliano, orgulhoso e depravado?

- Reconheço que som orgulhoso e depravado.

- És Prisciliano pecador e fala-barato?

- Quem o poderia negar? Prisciliano é pecador e fala-barato.

- Daquela tu és Prisciliano o herege!, exclama o juiz.

- Prisciliano nom é herege. Hereges som os que amam as suas possessons sobre todas as cousas; os que tenhem escravos; os que expoliam os singelos e incautos e apeteçem honras e dignidades.

- As tuas verbas, Prisciliano, irrompe o juiz, por fora som melifluas e por dentro mais amargas

do que a fel! Hás de saber que existem torturas para cada membro, e já te aguardam as chamas que ardem, as tenazes que arrancam e o potro que esquarterja!

De súpeto, Ambrósio, bispo de Roma, conclui:

- É a nossa vontade que todos os povos submetidos a Roma sigam a fé que o verdadeiro Apóstolo Pedro transmitiu aos romanos. O que siga este preceito poderá dizer-se cristao Todos os demais haverám de se enfrentar às represálias que juridicamente estabelecemos, apoiados pola vontade divina.

A sentença foi talhante: seria decapitado em 385 na Porta Nigra de Tréveris junto aos seus segui-

Em 2000, celebramos um debate sobre este assunto na televisom galega Alfonso Sobrado Palomares, presidente da agência EFE, Fernando Ónega, o conselheiro Portomeñe e eu próprio: todos galegos. Eu defendim a minha tese: É impossível que os ossos de Santiago estejam na catedral, e provável que sejam de Prisciliano. Daquela o conselheiro solta-me: “Tu o que queres é meter na catedral um judeu”, o que revelava pelo menos umha mentalidade racista. Contestei-lhe que Jesus Cristo e Santiago sim que eram judeus

dores Arménio, Felicíssimo, Latroniano, Aurélio, Asarino e Eucrécia, viúva do seu professor Elpídio.

Depois da execuçom voltárom-se as tornas contra os autores do golpe de Estado. O novo imperador precisava dos priscilianistas para manter-se no poder, e segundo Sulpício Severo permitiu que levaram os restos dos mártires assassinados a “um lugar de Hispânia”. Esse lugar puido ser Compostela, pois todos os bispos galegos inscreveram o nome de Prisciliano no santoral das igrejas, salvo o de Britónia, que hoje é A Corunha. E em Compos stella, onde cruzam os fluxos magnéticos do Norte e de Ocidente, enteravam druidas celtas desde havia séculos.

Em 2000, celebramos um debate sobre este assunto na televisom galega Alfonso Sobrado Palomares, presidente da agência EFE, Fernando Ónega, o conselheiro Portomeñe e eu próprio: todos galegos. Eu defendim a minha tese: É impossível que os ossos de Santiago estejam na catedral, e provável que sejam de Prisciliano. Daquela o conselheiro solta-me: “Tu o que queres é meter na catedral um judeu”, o que revelava pelo menos umha mentalidade racista. Contestei-lhe que Jesus Cristo e Santiago sim que eram judeus. E que o que eu quigera é que estivesse quem lhe corresponder, e se galego melhor.



## A FOTO

Foto: Éire Cid / Texto: Brais González

### Pé de foto. Pé de caminhar

O conto nom era perder-se polas ruelas os domingos. Nom queríamos caminhar ao mesmo passo, porque detestávamos qualquer cousa gris. Queríamos alegría por exemplo, andar à roda, pisar-nos com umha dor suave. Queríamos saber com quem e cara onde, porque a liberdade, dígeram-nos, anda todo o tempo a correr. Logo também, como nom, queríamos descansar, fazer montanha, andar ao barbeito, rir, conservar esse gosto coletivo por um amanhã aberto, habitável.

Algumhas tardes nom era doado, ou grato, caminhar. Ardiam bochas! Cansa tanto! Daquela atávamo-nos com um fio de lã invisível na deda gorda, e, já que logo, sucediam-se os traspés. Caiamos, eu, ti, ela. E todo o tempo assim. Todas nós a determo-nos um quase nada, brevemente. *Imos sem pressa que imos longe, dízámos, e alguém pedía, ou pede, para se incorporar.*



## CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

ativo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para [literaria@novasgz.com](mailto:literaria@novasgz.com).

**B**rais Zas nasceu na Laracha em 1984. Independentista e libertário, regentou o pub Stereo, e agora trabalha numha gasolinheira. Em 2010 publicou o livro de relatos *Arredor do Paraíso*.



por Brais Zas

# Circo Parafernalias, Únicas Y Dantescas

Rosa Díez tentava domar os dous leons no seu circo, sen éxito. Batia com fúria sobre a terra poeirenta mas como muito conseguia que os felinos recuassem uns centímetros, distando muito de responder às suas ordens de sentarem-se, levantar unha pata e muito menos passar polo meio dum aro circundado de lume. Nom era quem de explicar a sua ineptidom para domar; atividade que queria fazer ante o público na sua tournée galega. Amava o chicote e a doma, mas novamente, como levava fazendo vários anos, os donos daquele espetáculo haviam ser os dous forçados gémeos, calvos e cada um com suas argolas a pendurar das suas orelhas, que desde pequenos aprenderam do pai o ofício de domadores e que ela acolhera para o seu circo à morte deste.

Rosa Díez deambulava com o seu espetáculo circense de cidade em cidade, de vila em vila, de aldeia em aldeia. Dera em se arrimar à Galiza inexplicavelmente – pois era originária das Vascongadas – e nom lhe caíam especialmente bem os Galegos, gente que nem sobe nem baixa, nem entra nem sai.

Rosa Díez viajava todo o ano com o seu circo pequeno, circo de gente antipática e esquiva mas perseverante, que nom parava nem um dos trezentos e sessenta e cinco dias do ano de montar e desmontar a sua barraca às faixas vermelhas e amarelas, com umha bandeirinha no cume combina-

ção com destas duas cores e o sorriso dum palhaço justo no meio.

Parafernalias, Únicas Y Dantescas – original nome chamativo para atrair espetadores – era um circo pequeno e medíocre, formado por artistas descartados por incompetentes doutros circos maiores, e novatos que pretendiam sentir-se valorizados polo público mediante as suas atuações no que fora denominado o maior espetáculo do mundo, pois nas suas anteriores atividades, que alguns continuavam a conciliar, foram certamente medíocres.

Rosa Díez apresentava cada dia o espetáculo com um traje azul cheio de brilhantina. Atrás do microfone tentava sorrir, mas era-lhe tarefa difícil, pois a frustração era para ela um sentimento constante e quotidiano, mesmo se poderia dizer que umha mistura de frustração e ambição desmesurada era o motor que a levava a erguer-se do seu catre dia após dia. Logo da apresentação, o circo começava forte, com o homem-bala.

Fernando Savater, um dos mais fieis e antigos colaboradores de Rosa Díez, era o encarregado de se situar na embocadura dum canom negro como o carvom. Em realidade, se fazia o show do homem-bala era porque nom tinha nenhuma outra aptidom para mostrar. Caía à lona depois dum voo que distava muito de ser à velocidade que se anunciava nos cartazes, com umha curta parábola ajustada às dimensões da

barraca; e acabava, dia sim dia também, com as calças sujas, pois nom era quem de se acostumar a andar polo ar. Mais com algo havia que ganhar a vida, pois as suas pretensões intelectuais plasmadas em divagações filosóficas que escrevia na soledade noitêbrega do seu carromato nom valiam nem para apanhar. Quando chegava aos camarins, os colegas afastavam, olhavam para outro lado ou saíam antes de ele entrar; outros aturavam chateados o nojento cheiro que despedia, e Fernando, vermelho e envergonhado, o olhar fixo no chão, procedia a assear-se e a mudar os calções.

Depois do espetáculo do homem-bala, vinham umha série de truques chapleiros, obtidos talvez dum jogo de Magia Borrás com que os nenos jogam a fazer de magos, malabaristas de currunchos e pratos para as moedas e trapezistas de pouca monta que faziam piruetas a três metros de altura. Nom faltava o palhaço de serviço, que cada dia fazia um membro diferente do circo, por ser um papel em que todos eram contudentemente competentes.

E conta a lenda daquele circo que Rosa Díez terminara devorada por um daqueles leons, quando passava por diante da sua jaula e esta ficara aberta polo descuido de quem lhes dava de comer, e assim foi o fim daquele lamentável espetáculo nómada que se chamava Parafernalias, Únicas y Dantescas.



## LÍNGUA NACIONAL

# Somos galegos e nom nos entendemos

Valentim Fagim

Um casal amigo escolhe a Grécia como local de viagem no mês de agosto. O grego, como é sabido, é o bastante diferente da nossa língua como para se sentir em Marte, o que para relaxar e desligar do dia a dia é umha bênção. Nom dá para ler jornais, ouvir rádio, ver televisom... *sweet Marte sweet*.

Ter umha língua conectada, no entanto, pode ser umha maldi-

ção e trasladar-nos ao planeta Terra num piscar de olhos. Um dado dia, visitando tal ou qual monumento, ouvem um brasileiro a falar no telemóvel. Com vontade de um bocado de "terraqueidade" dam em conversar com ele. O tipo é muito curioso pola Grécia, polo diferente, polo próprio e rapidamente fam farinha.

Em dado momento, cruza-se com eles umha portuguesa que ao

O grego, como é sabido, é o bastante diferente da nossa língua como para se sentir em Marte, o que dá para relaxar e desligar do dia a dia

ouvir a conversa junta-se deles, talvez também com vontade de baixar do comboio Marte e sentir-se na Terra.

Ao pouco, o brasileiro exclama:  
- Adoro Portugal, vou lá com frequência, Lisboa, Porto, as vilas alentejanas, as festas regionais...

Ao que a portuguesa responde célere:

- O senhor é brasileiro, que

bom!. Eu tenho estado lá algumas vezes. É espetacular, as praias cariocas, o samba, os sumos... e olhando para o casal galego pergunta- e vocês, de onde som?.

- Nós somos da Galiza, de Santiago de Compostela.

- Ah, a Espanha, eu adoro, os touros, o flamenco, Madrid...

- Nós odiamos Espanha.

- Ah, sim, os bascos...



## CAMPA AUDIOVISUAL

# Arraianos: sem fronteiras

Xurxo González

Novo Cinema Galego volta a estar presente nos grandes circuitos de prestígio internacional, desta vez por meio do filme *Arraianos*. Depois da sua estreia em Locarno (Suíça), o filme realizado por Eloy Enciso prepara-se para umha longa tournée por festivais. Deste jeito, incrementa-se o feixe de filmes galegos que ultimamente fôrom selecionados nos encontros cinematográficos mais destacados do mundo. Nom obstante, de jeito paradoxal, continua a dar-se mais valor a este tipo de produções (com decidido risco artístico e à margem de dinâmicas comerciais) fora do que dentro da Galiza.

*Arraianos* é um projeto adiado no tempo cujo germolo é o encontro de Enciso com a personalidade irredenta de José Manuel Sande, promotor e guionista do filme. O ponto de início foi adaptar a obra de teatro de Jenaro Marinhas del Valle (1908-1999) que leva por título *O bosque*. Um material de partida (escrito em galego reintegrado) que se destilou intentando manter até o final toda a essência impregnada no seu argumento: umha comunidade que vive num território isolado por um bosque à



margem da civilização. Umha proposta "waldeniana" que vem sendo um transunto em primeira instância da singularidade independente do Couto Misto (grupo de concelhos galegos e portuguesas na Raia Seca), e, como pano de fundo, do atraso secular da Galiza.

Eloy Enciso move-se pola antítese de *Pic-nic* (2008), a sua primeira longa-metragem. Se na sua ópera prima se inclinava pola superficialidade do tempo domi-

nado pola ociosidade de férias, em *Arraianos* procura um tempo intrincado no espaço, um tempo de natureza mítica, que roça níveis de transcendência. A contribuição literária enxerga elementos ficcionais por meio dumha encenação distanciada relativamente ao espetador, mas solene e direta, com claros referentes às práticas "nom-reconciliadas" próprias de Jaen-Marie Straub e Danièle Huilliet. Os atores som nom profissionais e movem-se

num registo declamativo e hierático conscientemente teatral que arrasta a artificialidade da proposta. Mas Enciso vai um passo mais além e desce na genealogia.

Em *Arraianos*, vemos um grupo de homens que vê condicionada a sua existência pola natureza que, tal como na obra teatral, está sempre presente implementando umha ampla dose de mensagem ecologista. Podemos dizer que o lene fio de ficção que sustém o filme parece tirado dum western:

a chegada dum homem estranho, Baqueano, altera a vida da comunidade com vaidades de mudança, mas as suas indicações levam a um desastre na natureza. Um fracasso patente mas que o tempo leva o homem a se adaptar sem remédio aos novos ritmos da civilização.

As sequências condensam-se coma cristais que conjugam a ficção com o documental. O desenvolvimento do filme encadeia sequências que insistem no ritual: ofícios, cerimónias religiosas, tradições, canções, oralidade... E tudo isto dentro dum quadro paisagístico abraiante engraxado polo cíclico das estações. O homem emerge intentando dobrar inutilmente a natureza sabedor de que a constância das suas atuações ficará na cinza das lembranças, nas fotografias esvaídas e nas rugas das faces. Um retrato da soledade e o isolamento do "princípio do mundo", dumha maneira de viver que se perde.

Eloy Enciso partilha as mesmas dúvidas sobre a utopia do progresso dos protagonistas da ficção e detrás do crematístico da proposta narrativa, o filme sucumbe e volta a imperar o documental, volta a se impor o ritmo da vida. E eis o triunfo de *Arraianos*, a sua modernidade, o tempo começa a funcionar quando umha forma de representação deixa sítio à outra, isto é, sem fronteiras impostas de antemão.